

**A RETÓRICA DO OPRÓRBIU
OU
SOBRE AS SENTENÇAS DE CANTEMIR**

Laura BĂDESCU
badescu_le@yahoo.com
Universidade de Pitesti

„Proémio comprido para conversa curta,
É como cabeça de porco em corpo de pato”

Resumo

Dimitrie Cantemir foi o primeiro grande vulto da cultura romena. Extraordinário poliglota (falava turco, russo, latim, grego, francês, etc.), o Príncipe Dimitrie Cantemir conseguiu obter o título de membro da Academia de Berlim, demonstrando assim as suas excepcionais qualidades científica.

A História dos hieróglifos aparece como um precioso documento para conhecer a evolução da retórica aplicada à literatura romena. O uso das cartas e dos provérbios indica a dimensão perene do facto literário e, simultaneamente, confirma o estatuto de “obra aberta” atribuído à História dos hieróglifos. Ainda mais, a retórica das sentenças é utilizada como uma estratégia necessária numa certa idade do épico. É uma lição apreendida com Quintilianus, que afirmava que as obras históricas, através do que dizem, fazem parte da retórica.

Tentamos comprovar a existência de uma retórica da culpa, expressa através das sentenças inseridas. Do ponto de vista das inserções, a conexão por concatenação torna-se, deste modo, válida. Huizinga falava da visão unitária que existia na época medieval no que respeita os provérbios, salientando os sobre a ironia, a resignação, a passividade, etc. Sem impor essas atitudes, o discurso sentencial de Cantemir as subsome, privilegiando assim a autoridade do historiador. A batalha do Unicórnio tem desta forma possibilidade de êxito no plano da verdade inexpugnável, porque o discurso, uma vez fixado pela sentença, se fecha sobre si mesmo, formulando a demonstração em termos éticos.

Palavras chave: etorica, provérbio, literatura romena antiga, ética, ironia

Cantemir conhece bem a engrenagem do sistema político contemporâneo e intui que nada o consegue abalar. Por isso que a sua sanção cultural na *História Hieroglífica* tem em vista e desvenda as leis internas da Cidade de Epithimia. Concretizada em máximas, sentenças e provérbios, a sanção ganha autoridade e validade num espaço que ignora as regras da política.

Ao falar das virtudes e dos defeitos, da ciência e da ignorância, do bem e do mal, da fortuna e do êxito pessoal, da verdade e da mentira, da delação, do ódio, da inveja e da amizade, o escritor salienta que somente

a quantidade de sentenças envolvidas poderia chegar a afectar a gramática do jogo, pela subscrição temática preferencial. Deste modo, na maioria das 680 sentenças¹ que se encontram no texto da *História Hieroglífica* fala-se de inimigos, ingratidão, ódio, inveja, perfídia, maldade, mentira, delação, gula, opulência.

Cantemir constrói o sistema de forma premeditada, demonstrando uma persistência titânica no que respeita as desforras a tirar. Nada impede a recuperação da memória: porque os eventos vividos pelo Unicórnio são trágicos e converte-se num dever: de se lembrar e de servir de testemunha. O testemunho tem de ser instituído como um *corpus* inviolável de verdades universais, e estas podem ser expressas pelas sentenças. O Unicórnio reclama justiça, e esta tem origem na „generalização da agressão particular e por isso se manifesta como uma lei impessoal”² aplicada não por um juiz anónimo, mas pelo próprio narrador-juiz que demonstra ter uma memória mais *literal* do que *exemplar*³.

É notável a introdução dessas construções no texto. Ao nível da narração, as construções associam-se por uma „conexão por concatenação”, mas ao nível das microestruturas narrativas perdem a autonomia, tornando-se subordinadas por uma „conexão por organização”⁴.

¹ Para o corpus de provérbios e maxims foi utilizado: Cantemir, D., *Sentenții*, Gramar Editora, București, 2003.

² Todorov, Tz., *Abuzurile memoriei*, Amarcord Editora, Timișoara, 1999, p.31.

³ Tzvetan Todorov propõe uma distinção entre várias formas de memória em ob. cit., p 29,45: *O evento lembrado pode ser interpretado ou literalmente, ou exemplarmente. Ou esse exemplo é preservado na sua literalidade (facto que não significa na sua verdade), ficando um facto intransitivo, que não passa além de ele próprio. As conexões que se transplantam em cima dele situam-se na sua contiguidade directa: relevo as causas e as consequências desse acto, descubro todas as pessoas que possam ter alguma relação com o autor inicial do meu sofrimento e destruí-las, estabeleço uma continuidade entre a pessoa que era e a pessoa que sou agora, entre o passado e o presente do meu povo, e aplico as consequências do traumatismo inicial a todos os momentos da minha existência. A memória exemplar generaliza, mas de uma maneira limitada; ela não provoca o desaparecimento a identidade dos factos, conecta-as umas com as outras, põe-nas em comparação, o que permite relevar as semelhanças e as diferenças.*

⁴ Dragoș Moldovanu em *Dimitrie Cantemir între Orient și Occident*, Editora Fundației Culturale Române, București, 1997.p.73 introduziu a presente delimitação ao falar das diferenças essenciais entre a literatura artística oriental e a literatura europeia: “na primeira, as figuras de estilo não se integram no conjunto, mas se associam, mantendo a sua autonomia, por uma “conexão por concatenação”; na segunda as figuras perdem a autonomia relativa, subordinando-se ao conjunto por uma “conexão por organização”.

A conexão por concatenação torna visíveis as acções do maléfico, que se particularizam pelo acréscimo e pela constância.

Sobre a situação caótica do negócio do poder tanto no país, como alhures na Europa, há notícias nos documentos históricos. Neculce “não consegue escrever das „mil maneiras de delatar” praticadas, de quem delata a quem, com que propósito e ao proveito de quem, se eram delações *in absentia* ou „cara a cara”, isto é „à vista de todos” e da „soma de dinheiro” que foi paga para que essas tivessem o efeito previsto. Os „mexericos” e as „maquinações” põem em perigo os cargos dos políticos, dissipam fortunas, acabam com vidas e destino de reis.”¹ A degradação moral e a corrupção parecem impor as leis da sociedade do século XVII onde os mediterrâneos de oeste, entre outros, “prefiguram toda a gama de depravações que costumamos censurar nos futuros *fanariotos*”². Na literatura romena medieval existem até *Versos contra a inveja/o ódio*³, corpus de máximas em verso que se prolongam/encontram também no romance de Cantemir (“Doao boale întru sine zavistnicul are:/ Una cându petrece rău, a doao, mai mare/ Cându privește pre altul că petrece bine”; vs. “Zavistnicului mâhnire îndoită poartă: una, când lui ceva rău, alta, când altuia ceva bine, să nu cumva să vie se teme”(509))

Metade das sentenças incluídas no texto do romance tem como assunto a decadência e a corrupção. São censurados não somente os pecados menores – como a preguiça⁴(3), o embriagar-se⁵ (3), o medo⁶ (6), a cobardia⁷ (2), o gabar-se⁸ (2), o orgulho⁹ (2), a ira¹⁰ (2), o falso

Como resultado, na primeira a variedade estilística é conseguida exclusivamente no plano paradigmático, enquanto na segunda revelam-se também no plano sintagmático. A razão desta diferença tem origem na discrepância existente entre as estruturas sintáticas: a ordem fixa da frase oriental favorece o paralelismo, mas não permite a realização da disjunção (hipérbato) e do quiasmo – procedimentos fundamentais da arte europeia cuja característica principal é a variação”.

¹ Sorohan, E., *Introducere în Istoria literaturii române*, Editora Universității “Al. I. Cuza”, Iași, 1997, p.229.

² Căndea, V., *Intellectualul sud-est european în secolul al XVII-lea em Rațiunea dominantă, Contribuții la istoria umanismului românesc*, Editora Dacia, Cluj-Napoca, 1979, p.276.

³ Costin, M., *Stihuri împotriva zavistiei*, em *Literatura română medievală*, Editora Academiei & Univers Enciclopedic, București, 2003, pp. 703-704.

⁴ 120, 660, 678

⁵ 171, 265, 387

⁶ 59, 54, 399, 418, 579, 657

⁷ 150, 160

⁸ 143, 198

⁹ 30, 623

¹⁰ 14, 396

testemunho¹ (5) etc., mas sobretudo os pecados culpados pela decadência e desgraça de reinos e impérios: a inveja² (24), a cobiça³ (15), a astúcia⁴ (21). As estruturas antitéticas⁵ (46) que põem em balança um vício e uma virtude são utilizadas para caracterizar um mundo dominado pela falta de virtudes⁶ (61). A vingança⁷ (9) não parece ser direito exclusivo dos fracos, visto que na luta pelo poder quem vence é o poderoso⁸ (9), ou o humilde⁹ (6), mas raramente o sábio¹⁰ (2) ou quem tenha a verdade do seu lado¹¹ (2). A mudança de valores¹² (4) inscreve-se explicitamente no universo oximorônico dominado pela retórica vazia¹³ (6) que leva a um juízo falso¹⁴ (4). Deste modo, é fácil perceber a razão pela qual a mentira¹⁵ (9) se dá bem com a estupidez¹⁶ (12) e a maldade¹⁷ (10), e a rixa¹⁸ (4) cobre de roupa curta a inveja¹⁹ (7) e a malquerença²⁰ (4).

Nestas circunstâncias aparece como comprovada a existência de uma retórica da culpa, expressa através das sentenças inseridas. Do ponto de vista das inserções, a conexão por concatenação torna-se, deste modo, válida. Huizinga falava da visão unitária que existia na época medieval

¹ 55, 441, 430, 653, 677

² 33, 41, 43, 79, 80, 81, 83, 84, 141, 191, 282, 286, 289, 394, 406, 409, 439, 470, 573, 659, 141, 286, 217, 227, 627, 628

³ 62, 63, 93, 128, 129, 147, 245, 258- var. 584, 259, 260, 374, 537, 609, 658

⁴ 65, 67, 252, 257, 295, 297!, 302, 372, 383, 429, 476, 499, 501, 554, 562, 587, 588, 589, 604!, 654, 675

⁵ 45, 94, 103, 108, 124, 148, 165, 168, 180!, 189, 206, 216, 218, 221, 222, 223, 239, 253, 254, 272, 278!, 301, 323, 330, 338, 355, 368, 390, 397, 401, 455, 471, 477, 483, 484, 486, 505, 553, 575, 616, 618-622, 634, 635, 652, 666

⁶ 31, 32, 35, 64, 68, 82, 112, 113, 154, 156, 162, 309, 310, 341, 349, 373, 375, 419, 427, 444, 453, 458, 464, 465, 482, 493, 555, 583, 601, 603, 636, 651, 665, 10, 11, 28, 312, 508, 153, 449, 196!, 211, 90, 91, 114, 115, 181, 192!, 242, 334, 463, 179-var. 614, 61, 305, 414, 149, 489, 626, 446, 507

⁷ 346, 379, 400, 402, 404, 422, 432, 435, 645

⁸ 18, 42, 46, 286, 365, 454, 538, 539, 663

⁹ 97, 98, 150, 329, 413, 473

¹⁰ 45, 48

¹¹ 92, 647

¹² 217, 227, 627, 628

¹³ ¹³ 210, 276, 304, 333, 336, 431

¹⁴ 8, 21, 22, 502

¹⁵ ¹⁵ 71, 443, 500, 536, 546!, 608+lăcomia, 642, 656, 668

¹⁶ 47, 58, 262, 263, 348, 466, 615, 638, 674, 17, 319, 25

¹⁷ 246, 420, 469, 557, 585, 586+minciuna, 598, 600, 29, 332

¹⁸ 12, 78 var., 23, 644

¹⁹ 83, 85, 137+viclenie, 509, 545, 625

²⁰ 13, 384, 421, 669

no que respeita os provérbios¹, salientando os sobre a ironia, a resignação, a passividade, etc. Sem impor essas atitudes, o discurso sentencial de Cantemir as subsume, privilegiando assim a autoridade² do historiador. A batalha do Unicórnio tem desta forma possibilidade de êxito no plano da verdade inexpugnável, porque o discurso, uma vez fixado pela sentença, se fecha sobre si mesmo, formulando a demonstração em termos éticos. Ainda mais, “a retórica das sentenças é utilizada como uma estratégia necessária numa certa idade do épico. È uma lição apreendida com Quintilianus, que afirmava que as obras históricas, através do que dizem, fazem parte da retórica”³.

Reparando exclusivamente nas sentenças que têm como elemento de referência *a inveja*⁴, é de notar a constância do escritor na sua definição, sem contradições temáticas¹.

¹ Veja-se Johan Huizinga, *Amurgul evului mediu*, Editora Univers, București, 1970, p. 367: *o tom do provérbio é frequentemente irónico, mas o estado de espírito revela na maioria dos casos boa vontade e sempre resignação. Nunca o provérbio incita a revolta, mas sempre aconselha a passividade. Com o sorriso ou um suspiro, deixa que os egoístas e os hipócritas ganhem.*

² Gracián, B., em *Cărțile omului desăvârșit*, Editora Humanitas, , București, 1994 no cap *Despre autoritate în vorbă și-n faptă - Sobre a autoridade na fala e na acção* - recomenda para o fortalecimento da autoridade o uso das sentenças (p.147), elogiando aos que as utilizam; veja-se também o cap. *Pessoas com conhecimentos louváveis* (p.159)

³ Sorohan, E., *op., cit.*, p.206.

⁴ Transcrevemos abaixo as sentenças que têm como elemento de referenția *a inveja*, para ilustrar desta forma o universo monolítico das mesmas: Pizma veche ca și cariul în inima copacului. (33); Pizma veche vă împinge la lucruri noi. (41); Precum arșița soarelui pielita mută din albă în neagră./ Așa pizma inimii mută gândul bun în rău. (43); Semnele cuvintelor împungătoare/ Chipul inimii pizmitoare arată. (79); Precum otrava cumplită stomacul otrăvind./ Tot trupul putrezește./ Așa pizma veche, spre izbândă a aduce./ Tot statul monarhiei risipește. (80); Și precum un mădular cu netămăduită boală pătimind./ Prin cet, prin cet, tot trupului moartea pricinuieste./ Așa în toată Publica, cu rău gând și cu pizmă asupra altora umblând./ Cu toată vremea monarhia cu capul în jos prăvălește.(81); Zavistia este jiganie cu multe capete./ Care toate înghit pizma/ Și deodată borăsc gâlceava și vrajba.(83); Mai lesne este cineva o mie de ani, în *fântânele catranului* să lucreze./ Și cu catran să nu se pice./ Decât cu zavisticul voroava să facă/ Și cuvântul pizmos din gură să nu-i iasă.(84); Totdeauna orbul asupra ochilor./ Și șchiopul asupra picioarelor./ Și surdul asupra auzului./ Și hadâmbul asupra întregului/ Obidă are. (141); Măcar, că cine nu știe vorovi, și tace, frumos vorovește./ Dar încă la multă întrebare, cu îndemânare, a nu răspunde/ Sau a celor pizmași, sau a celor urăcioși, lucru este. (191); În urechea de pizmă îmbumbucată/ Și de zavistie astupată./ Nici buhnetele căldărărești./ Necum line cuvinte filosofești/ A străbate pot.(207); Leneșilor ostenința/ Și pizmașilor căința/ Va rămâne. (282); De multe ori bucuria mare glasul astupă/ Și ciuda peste măsură mintea risipă. (286); Tăcerea prea adâncă sau din pizmă iese./ Sau din neștiință. (289); Între muritori de se va da vreo fericire./ Pare-mi-se că alta

A Inveja tem como objetivo a exclusão do Unicórnio da arena política. Todas as acções difamatórias que visam a ruína do Unicórnio são da responsabilidade dela. Conceito político perturbante, *a inveja* motiva o modelo barroco e nocturno do “herói prudencial”², visto que o Unicórnio “sabe pesar judiciosamente a situação e identificar as circunstâncias favoráveis ao „entretecer de redes”, porque cultivava “de preferença, as atitudes diversionistas (o pensamento escondido, a astúcia) dos seus adversários, tratando de orientar para outras intenções, benéficas, „as astúcias do tempo e as ciladas do mal”³.

A conexão por organização está relacionada com o nível das figuras da reversibilidade e da incongruência e vêm reconfirmar a retórica da culpa. Não podemos deixar de mencionar o facto de as figuras da amplificação⁴ e da ilusão¹ serem ricamente representadas nas sentenças que formam o corpus de textos para este análise.

mai mare a fi nu poate./ Decât, din rea pizmă, neprietenului./ Bun sfârşit lucrului a se tâmpla./ Aşijderea, mai mare nenorocire, cuiva a păşi nu poate./ Decât din pricina pizmei sale, fericirea neprietenului a veni/ Când vede.(394); La inima împietrită şi pizmătară/ Nu cuvântul, nu învăţătura./ Ci pedeapsa şi pătimirea, ca la dobitoace./ În ceva a spori şi a dobândi poate. (406); Pizma îndelungată, calului sireap şi nedomolit/ Se aseamănă;/ Care, pentru ca pe cel de pe dânsul să lepede./ Întâi pe sine de mal se surpă. (409); Nici pacea a goni este a celui cu socoteală./ Nici în viaţă pizma a o ţine şi vrăjmăşia a urma/ A înţeleptului lucru este. (423); Pizmătorul, pentru ca cinstea altuia să nu se adauge./ Sie scădere şi ocară a primi obişnuit este. (439); Tot pizmătorul din neputinţă, iar nu din bunăvoie./ Rabdă. (470); Stăpânul nou, după pizma veche a izbânzii./ Spurcat lucru este. (573); Pizma şi neînduplecarea într-aceasta se deosebesc./ Că pizma merge înainte, iară neînduplecarea urmează. (659);

¹ Referimo-nos ao estudo feito pelo professor Ovidiu Papadima, *Literatură populară română*, Editora para Literatura, Bucureşti, 1968, art. *Proverbul ca formă de înţelepciune*, pp. 596-604, onde são citados provérbios que contradizem os elementos de referência: *Aurul ochiul dracului vs Cu cheia de aur se deschid porţile raiului; Aurul şi-n glod străluceşte vs.Nu tot ce luceşte e aur; Dintr-un mărăcine iese un trandafir şi dintr-un trandafir iese un mărăcine vs. Nici mărăcinele struguri nu scoate, nici scaietele smochine; Nu se ştie de unde sare iepurele vs.Cine caută iepuri în biserică, se întoarce fără vânat; Ochii care nu se văd se uită vs.Ochii ce se văd rar sunt mai drăgăstoşi; De multe ori tăcerea e mai bună decât răspunsul vs.În inima tăcutului locuieşte dracul.*

²Veja-se Gabriel Mihăilescu, *Universul baroc al “Istoriei ieroglifice”*. *Între retorică şi imaginar*, Fundaţia Naţională pentru Ştiinţă şi Artă, Bucureşti, 2002.

³ Mihăilescu, V., op. cit., pp. 243, 247-248

⁴ Exemplificamos nestas figuras a presença das séries antitéticas enumerativas: “Precum celui bun toţi străinii, rude./ Tot bătrânul, părinte; tot vârstnicul, frate./ Şi tot locul, moşie;/ Aşa celui rău, toate rudele, străine;/Şi toată moşia, nemernicie /Este.” (32); e também Gradação: “Viclenia, răutatea şi nebunia surori sunt./ Răutatea începe, viclesugul urmează./ Iară nebunia îl desfrânează. Până unde una prinde, alta leagă./ Iar a treia, grumazii cu laţul îl vânează.” (295); “Din zavistie, împoncişare;/ Din împoncişare,

A inversão funciona a nível temático pela afirmação do *topos* barroco – o *mundo ao avesso*. A inversão dos valores e a queda das hierarquias, o princípio da analogia inversa, a utilização antifrástica e em contra-senso dos arquétipos „luminosos”, a actualização negativa dos símbolos define um mundo onde a aparência toma o rosto da realidade, e a realidade é impelida para as superfícies nocivas da aparência. A simetria inversa, quiástica, específica da relação entre realidade e aparência, pressupõe a possibilidade perpétua de inversão da inversão, ou a reversibilidade total das perspectivas².

Ao nível das figuras de inversão e de reversibilidade encontramos de novo a antimetábole ou antimetátese³: “Filosofii obișnuiți sunt cu socoteala,/ Aerul în apă și apa în aer a întoarce,/ Măcar că lucrul socotelii nu răspunde.”(148), “De multe ori cel greșit, nimerit;/ Și cel nimerit, greșit/ Este.” (477)), a anástrofe (“Și precum un mădular cu *netămăduită* boală pătîmind,/ Prin cet, prin cet, tot trupului moartea pricinuieste./ Așa în toată „Publica”, cu *rău* gând și cu pizmă asupra altora umblând,/ Cu toată vremea monarhia cu capul în jos prăvăleşte.”(81); “Măcar, că cine nu știe vorovi, și tace, *frumos* vorovește./ Dar încă la multă întrebare, cu îndemânare, *a nu răspunde*/ Sau a celor pizmași, sau a celor urăcioși, *lucru este*.”(191)) e o quiasmo(“Pentru *lucrurile mici, mari gâlcevi* a scorni/ A înțelepților lucru nu este;/ Măcar că aceasta și la cei înțelepți/ De multe ori s-a văzut.” (12), **Neputința aduce mânia/ Și mânia așteaptă izbânda.** (14), “Mincinosul, tatăl minciunii;/ Și minciuna, fata mincinosului/ Este.” (546)).

As figuras de incongruência são ilustradas pelo uso do oximoro: (“Săturarea ochiului este ca și greața stomacului,/ Precum stomacului încărcat cu bucatele,/ Măcar fie și cu aromate,/ Cu mirosul acela frumos,/

nădușeală și asupreală,/ Din asupreală, gânduri și șovăială,/ Și cuvinte de răsufare/ Se scornesc.” (86)

¹ As figuras da ilusão são representadas pela paronomásia: “Focul poței nu mai jos în stăpânia arsurii este,/ Decât metalul înfocat.” (6); “Precum îndreptarul nu mai mult pe lucrul strâmb/ De strâmb dovedește despre sine de drept” (8); și prin aliteração “Mai cu suferire și mai cu cuvinte/ Este:/ În munți hormuroși,/ Codri umbroși,/ În stânci pietroase,/ Peșteri întunecoase,/ Între păreți zugrăviți/ Și ziduri cu iederă acoperiți/ Cuvinte a face;/ Decât între oameni, cărora cuvântul adevărului/ A auzi nu place.” (211); “Tăcerea, sau la vreme a înțeleptului grăire,/ A multora pildă și învățătură;/ Iar a nebunului bolbăitură./ Sie ură,/ Iară altora scandaravură/ Este.” (221)

² G. Mihăilescu, op. cit., p. 72.

³ Dragomirescu, Gh. N., *Dicționarul figurilor de stil*, p. 88: “figura semelhanțe a *conversão*, mas onde a repetição invertida de uma sintagma, oração ou frase realiza-se pela modificação das funções gramaticais (que se reportam também ao sujeito) e, em geral, com a alteração do sentido: abc/ a’b’c’ (R)”

Nu pofta, ci greața îi aduce./ Așa și ochiu, de priveală săturat./ Albul vede negru și frumosul grozav.”(124), “A multe lucruri, mărimea, de scădere/ Și grosimea, îngreuiere, de împiedicare/ Este.” (349)) e *sardismo* (“În urechea de pizmă îmbumbucată/ Și de zavistie astupată./ Nici buhnetele căldărărești./ Necum line cuvinte filosofești/ A străbate pot.” (207); “Precum căldura soarelui din grăunțele putrezite./ Spice verzi a odrăsli, face;/ Așa sufletele înțelepte, din împutita vrăjmășie./ Frumos mirositoare a dragostei flori/ A răsări prefac.” (455)).

A conexão por organização, pretendendo seguir a sequência linear do discurso, exclui na maioria dos casos a tendência de proverbialização da linguagem vernacular, frequentemente encontrada em escritores como Miron Costin e Neculce. Os principais temas do universo maléfico aparecem como conglomerados de figuras retóricas sob o parêntese das sentenças destinadas a orientar e manter confirmativamente a solidariedade que existe entre as estruturas épicas e as técnicas argumentativas.

Bibliografia:

- Bădescu, L., *Epistola în literatura medievală portugheză*, Paralela 45 Editora, Pitești, 2007
- Bădescu, L., Romero Negro, M., *O conto dos enganos ao Diabo nos limites da romanidade*, Edições Apenas, Lisboa, 2007
- Bădescu, L., *The sentences introduced in the epistles the Hieroglyphic history*, in Polifonia, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, nr. 9, Edições Colibri, 2006
- Bădescu, L., Ferreira, T., *Diffusion of Epistolary Pattern in Area of Slavic-Iberic Literature in Iberian and Slavonic Cultures. Contact and Comparison*, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa 18-20 mai 2006
- Cantemir, D., *Sentenții*, Gramar Editora, București, 2003
- Cândeș, V., *Rațiunea dominantă. Contribuții la istoria umanismului românesc*, Dacia Editora, Cluj-Napoca, 1979
- Costin, M., *Stihuri împotriva zavistiei*, in *Literatura română medievală*, Editora Academiei & Univers Enciclopedic, București, 2003
- Dragomirescu, Gh. N., *Dicționarul figurilor de stil*, Editora Științifică, București, 1995
- Gracián, B., *Cărțile omului desăvârșit*, Editora Humanitas, București, 1994
- Huizinga, J., *Amurgul evului mediu*, Editora Univers, București, 1970
- Mihăilescu, G., *Universul baroc al "Istoriei ieroglifice". Între retorică și imaginar*, Fundația Națională pentru Știință și Artă, București, 2002
- Moldovanu, D., *Dimitrie Cantemir între Orient și Occident*, Editora Fundației Culturale Române, București, 1997
- Papadima, O., *Literatură populară română*, Editora para Literatura, București, 1968

Sorohan, E., *Introducere în Istoria literaturii române*, Editura da Universidade
“Al. I. Cuza”, Iași, 1997
Todorov, Tz., *Abuzurile memoriei*, Editura Amarcord, Timișoara, 1999